



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MÔNICA MARIA MEDEIROS DA SILVA

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NO TRABALHO COM A
LEITURA E A ESCRITA NO 5º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**JOÃO PESSOA/PB
2014**

MÔNICA MARIA MEDEIROS DA SILVA

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NO TRABALHO COM A
LEITURA E A ESCRITA NO 5º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Augusto Pereira de Sousa

**JOÃO PESSOA/PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Mônica Maria Medeiros da
Os desafios do professor no trabalho com a leitura e a escrita
no 5º ano do ensino fundamental [manuscrito]: / Mônica Maria
Medeiros da Silva. –2014.
46 p. : il.

Digitado

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2014.

“Orientação: Prof. Dr. Antônio Augusto Pereira de Sousa,
Departamento de CCT”.

1. Alfabetização. 2. Leitura. 3. Escrita. I. Título

21.ed. CCD 372.4

MÔNICA MARIA MEDEIROS DA SILVA

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NO TRABALHO COM A
LEITURA E A ESCRITA NO 5º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Especialista.

Aprovada em 14 de junho 2014.

Banca examinadora



Prof. Dr. Antônio Augusto Pereira de Sousa – DQ/CCT/UEPB
Orientador



Profª Dra. Djane de Fátima Oliveira – DQ/CCT/UEPB
Examinadora



Profª Msc. Wanda Izabel Monteiro de Lima Marsiglia - DQ/CCT/UEPB
Examinadora

Aos meus pais, Ailton Medeiros e Josefa Medeiros
(*in memoriam*), pelo incentivo, compreensão e
companhia nesses anos de convivência.

*“Ler não é caminhar e nem voar sobre as palavras.
Ler é reescrever o que estamos lendo, é perceber a
conexão entre o texto e o contexto e como vincular
com o meu contexto”.*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são extensivos a Deus, fonte da vida, de amor e esperança, que nos inspirou a lutar por uma vida digna, pela persistência na busca pelo bem do próximo.

Aos professores que nos transmitiam seus conhecimentos e experiências profissionais e de vida com muita dedicação e carinho.

Aos meus filhos: Kelvin, Kenndy e Kerielson pela compreensão da ausência diária.

Aos amigos da turma, agradeço pela companhia e animação, tornando essa jornada menos cansativa.

Aos professores da banca, pela disposição de tempo para realizar a leitura do meu trabalho e pelas valiosíssimas sugestões, obrigada.

RESUMO

Uma das preocupações que vem atraindo a atenção dos educadores é a dificuldade de leitura e escrita, pelos alunos, que se prolonga por todo ensino fundamental, fator que ocasiona o alto índice de repetência escolar. Desse modo, um dos desafios do Ensino Fundamental, ao longo dos seus nove anos, é garantir ao aluno as competências e as habilidades necessárias para viver e atuar na sociedade por meio da linguagem oral e da linguagem escrita. Nesse contexto, os primeiros anos são fundamentais, porque é nele que a criança aprenderá aquilo de que precisa para ingressar no mundo letrado e dele participar. Este trabalho propõe uma discussão sobre o processo de alfabetização de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental e a utilização de diversos textos como mediadores no processo de letramento. O estudo se pautou em uma pesquisa qualitativa através da aplicação de questionário com cinco professoras do 5º ano do Ensino Fundamental I da Escola Estadual Dr. João Navarro Filho, localizada no município de João Pessoa-PB, o que nos possibilitou compreender os desafios do professor no trabalho de leitura e escrita. O objetivo geral do trabalho consiste em identificar como a leitura e a escrita vem sendo ministrada em uma turma do 5º ano. Destacou-se a leitura e a escrita como processos em que, mediados pelo professor, os alunos atuam como sujeitos que produzem significados e sentidos. Para isso, foi abordada a importância da alfabetização e letramento e o papel do professor no desenvolvimento de habilidades leitoras. A proposta permitiu desenvolver práticas de leitura e escrita com diferentes textos como contribuição para facilitar e promover a construção de habilidades leitoras. Neste processo de leitura e escrita deverá considerar as várias áreas de conhecimento como a psicologia, a linguística, a história, a cultura e as sociedades em geral.

Palavras - chave: Alfabetização; Leitura; Escrita.

LISTA DE SIGLAS

INAF - Indicador de Alfabetismo Funcional

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

PCNLP – Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1.....	28
GRÁFICO 2.....	29

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.....	16
QUADRO 2.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1	ALFABETIZAR LETRANDO: O USO DA ESCRITA E DA LEITURA NA SOCIEDADE	13
2.2	ALFABETIZAÇÃO, ALFABETISMO E LETRAMENTO: LEITURA, ESCRITA E SOCIEDADE EM QUESTÃO	14
2.3	O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR: DO PROFESSOR LEITOR AO ALUNO LEITOR	19
2.4	O PROFESSOR LEITOR E FORMADOR DE CONSCIÊNCIAS CRÍTICAS	22
2.5	A LEITURA COM PRAZER: DESAFIOS PARA O PROFESSOR	23
2.6	ESTRATÉGIAS NO PROCESSO DA LEITURA	25
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	43
	APÊNDICES	45

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita é muito instigante e desafiador tanto para o aluno como para o professor, uma vez que é um processo que requer uma série de atividades envolvendo participação de ambos os sujeitos, antes, durante e após a realização da prática de leitura e escrita propriamente dita.

As pesquisas e práticas pedagógicas sobre o ensino da leitura e da escrita, dos últimos anos, indicam a impossibilidade de conceber o ensino de Língua Portuguesa somente como um processo de apropriação de um código. A escrita é um sistema de representação da linguagem e, portanto, é preciso compreendê-la na sua multiplicidade de funções e na sua forma de comunicação, por meio dos textos. Mais do que nunca se faz necessário tornar o estudante competente para que possa ler e entender aquilo que está registrado no mundo, nas diferentes situações de comunicação e nas diferentes tarefas de interlocução em que, como cidadãos, estão inseridos.

Este desafio implica desenvolver práticas sociais que envolvem a forma escrita da Língua e, também, colocar o aluno em contato sistemático com o papel de leitor e escritor, compartilhando a multiplicidade de finalidades que a leitura e a escrita possuem: ler por prazer, para se divertir, para buscar alguma informação específica, para compartilhar emoções com outros, para recomendar, escrever para expressar as ideias, para organizar os pensamentos, para aprender mais, para registrar e conservar como memória, para informar, para expressar sentimentos. Nesse sentido, a escola deve organizar o ensino para formar alunos praticantes da Língua no sentido mais amplo, ou seja, formá-los para que saibam produzir e interpretar textos de uso social: orais e escritos.

Para ensinar os alunos a atribuírem sentido aos textos que leem e a escreverem bons e compreensíveis textos, se deve considerar a cultura que os mesmos já trazem de fora da escola, às práticas sociais da leitura e da escrita e os comportamentos sociais do leitor e escritor.

Muito mais do que uma técnica, o que se quer ensinar aos alunos é a atitude social e cultural diante da leitura e escrita. Afinal, saber comunicar-se apropriadamente por escrito e dominar as possibilidades de uso dos textos é condição essencial para uma plena participação do mundo da cultura escrita.

Segundo os PCN, não se formam bons leitores se eles não têm um contato íntimo com o texto. Portanto, a escola deve ser espaço para criar e recriar, não para copiar e

reproduzir ideias e sentimentos antigos. É preciso mudar a concepção de práticas educacionais prontas.

É necessário fazer da escola um âmbito onde a leitura e escritas sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitam repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer responsabilidade que é necessário assumir.

Deparamos-nos constantemente com os alunos de um nível escolar elevado que apresentam deficiências no que concerne a leitura e escrita. Essas evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e escrita. Os bons leitores têm grandes chances de escrever bem, já que a leitura fornece a matéria-prima para a escrita. Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura. É nesse contexto, considerando que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos, que a relação entre essas duas atividades devem ser compreendidas.

O interesse pelo tema surgiu devido à observação que venho fazendo ao longo de minha carreira, através da qual tenho percebido que a maioria dos alunos ainda não tem consciência da importância, da necessidade da leitura em seu processo de aprendizagem. Reconhecendo a importância de se discutir acerca das dificuldades de aprendizagem referente à leitura e a escrita, objetiva-se através do presente trabalho, apresentar alguns direcionamentos significativos voltados ao estímulo da capacidade do aluno desenvolver a prática da Leitura e escrita. Mediante o exposto, o objetivo deste trabalho consiste em identificar como a leitura e a escrita vem sendo trabalhada em uma turma do 5º ano do ensino fundamental I, numa escola pública de João Pessoa/PB.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ALFABETIZAR LETRANDO: O USO DA ESCRITA E DA LEITURA NA SOCIEDADE

Segundo Rojo (2009) um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática.

O distanciamento da escola frente ao desafio da leitura é um exemplo já fartamente estudado atualmente. A introdução da polêmica sobre letramento ou alfabetismo é indicativa dessa preocupação, embora tal discussão detenha certo laivo modista (importa de fora) contorcionista (sempre por demais inconclusas). A mesma aponta para a importância do que Freire (1996, p.28) afirma que: “saber ler a realidade: o que se aprende na escola precisa ser significativo para a vida”. Ler o mundo para dar conta do mundo, eis o grande desafio”.

De acordo com os dados do Saeb, na avaliação realizada em 2001 (divulgada em 2003, p.8) apenas 4,4% dos alunos da 4ª série (atualmente 5º ano) possuem um nível de leitura adequada ou superior ao exigido para continuar seus estudos no segmento do Ensino Fundamental. Uma parte deles apresenta um desempenho situado ao nível intermediário 36,2 %, segundo o Saeb, estão começando a desenvolver as habilidades de leitura, mais ainda aquém do nível exigido para a 4ª série. A grande maioria se concentra nos estágios mais elementares de desenvolvimentos, 59% dos alunos da 4ª série apresentam acentuadas limitações em seu aprendizado da leitura e da escrita. Assim, as dificuldades que se enfrenta no presente não são, em certa medida, dificuldades novas. Fazem parte de uma dificuldade antiga e persistente em nosso país, a de assegurar a todos brasileiros a igualdade de acesso a bens econômicos e culturais, neles compreendidos a alfabetização e o domínio da língua escrita.

Dentre os bens culturais, encontram-se a leitura e a escrita como saberes constitutivos das sociedades letradas e que devem propiciar aos indivíduos ou grupos sociais não apenas acesso a ela, mais também participação afetiva na cultura escrita. A apropriação e utilização desses saberes é condição necessária para a mudança, do ponto de vista tanto do indivíduo quanto do grupo social, político, linguístico, psíquico. No entanto, os significados

usos e funções desses saberes, assim como as formas de sua distribuição também variam no tempo e dependem de grau de desenvolvimento da sociedade.

Leitura e escrita são processos distintos que envolvem diferentes habilidades e conhecimentos, bem como diferentes processos de ensino aprendizagem e podem ser compreendidos em uma dimensão individual e social. Trata-se de numerosos conjuntos de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, variados e radicalmente diferentes entre si, com formas e uso também diferenciados em relação a uma diversidade de materiais escritos.

Desse modo um dos desafios do Ensino Fundamental, ao longo dos seus nove anos, é garantir ao aluno as competências e as habilidades necessárias para viver e atuar na sociedade por meio da linguagem oral e da linguagem escrita. Neste contexto, os primeiros anos são fundamentais, porque é nele que a criança aprenderá aquilo de que precisa para ingressar no mundo letrado e dele participar. De acordo com Solé (1998) as crianças constroem conhecimentos relevantes a respeito da leitura e escrita e, se tiverem oportunidade, se alguém for capaz de se situar-se no nível desses conhecimentos para apresentar-lhes desafios ajustados, poderão ir construindo outros novos.

2.2 ALFABETIZAÇÃO, ALFABETISMO E LETRAMENTO: LEITURA, ESCRITA E SOCIEDADE EM QUESTÃO

Entende-se que a nação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla, de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento. Nessa perspectiva:

Formar leitores competentes supõe formar alguém que compreenda o que lê, que possa aprender a ler também o que está escrito, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.(PCN-ENSINO FUNDAMENTAL, 1997, p. 54)

Dessa forma, baseando-se no que fala os PCN acerca do trabalho com a escrita como algo que vai além de um código, surgiu à necessidade da criação de um projeto com a finalidade de entender a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores.

Ao se falar em leitura e escrita torna-se essencial fazer uma distinção em relação aos conceitos de alfabetização, alfabetismo e letramento, conceitos estes que são fundamentais para o entendimento do que venha a ser a aprendizagem da leitura e da escrita, que difere da competência para usar a leitura e a escrita.

Existem indicadores de pesquisa que apontam a realidade de nossos alunos em relação a contato com a escrita e leitura, como é o caso do INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional). Para o INAF, alfabetismo é “a capacidade de acessar e processar informações escritas como ferramenta para enfrentar as demandas cotidianas” (ROJO, 2009, p.44). O conceito de alfabetismo assemelha-se ao conceito de letramento, segundo a autora acima. Já alfabetização diz respeito ao conhecimento do alfabeto, ação de ler e escrever, domínio das relações entre os sons da fala e as letras da escrita.

Hoje, sabe-se que o conceito de alfabetização, isolado, caiu em desuso, uma vez que, a leitura vai além do ato de decodificar, ler exige do leitor muito mais que o conhecimento alfabético, é preciso entender o que se está lendo e para isso faz-se necessário acionar um conhecimento extralinguístico, um conhecimento de mundo, a fim de que haja uma relação daquilo que se está lendo com outros textos (processo de intertextualização). Um texto para ser lido e compreendido requer que seu leitor faça inferências, compare, generalize, critique, dialogue com outros textos/discursos. Só assim o leitor será capaz de detectar as ideias do autor, sendo a favor ou contra. Torna-se necessário, dessa forma, situar o texto dentro do seu contexto.

O mesmo acontece com a escrita, não basta apenas dominar regras gramaticais, ainda de acordo com Rojo (2009, p.44):

Para escrever não basta codificar e observar as normas da escrita do português do Brasil é também preciso textualizar: estabelecer relações e progressão de temas e ideias, providenciar coerência e coesão, articular o texto a partir de um ponto de vista levando em conta a situação e o leitor etc.

Assim, o conceito de alfabetismo acontece quando o leitor desenvolver algumas capacidades, conforme apresentado no Quadro 1.

QUADRO 1 - CAPACIDADES LETRADAS ENVOLVIDAS NO CONCEITO DE ALFABETISMO.

LER	ESCREVER
Decodificar	Codificar
Compreender	Normatizar (ortografia, notações).
Interpretar	Comunicar
Estabelecer relações	Textualizar
Situar o texto em seu contexto	Situar o texto em seu contexto
Crítico, replicar	Intertextualizar

Fonte: Letramentos da População Brasileira: alfabetismo funcional, níveis de alfabetismo e letramento(s) (ROJO, 2009, p.45)

O Quadro 1 nos revela que “o foco do alfabetismo está no conhecimento, nas capacidades envolvidas na leitura e na escrita. É, portanto, um conceito de natureza, sobretudo psicológico e de escopo individual” (ROJO, 2009, p.45).

Este não é um conceito fixo, o mesmo sofre modificações a depender das mudanças sociais. Tanto que, é possível dividir, de acordo com o INAF, em quatro níveis: Analfabeto, diz respeito a não capacidade para realizar atividade simples que envolvam a leitura ou escrita; Nível 1 (alfabetismo de nível rudimentar), neste o sujeito é capaz de localizar informações em textos muito curtos; Nível 2 (alfabetismo de nível básico), identificação de informações em texto curto; Nível 3(alfabetismo de nível pleno), capacidade para ler texto longo. Importante frisar que mesmo o leitor estando no nível 3, sua capacidade é apenas de realizar uma leitura literal e não, crítica.

Enquanto que Rojo (2009) aponta o termo alfabetismo mais voltado a um conjunto de conhecimentos que depende do individual, Soares *apud* Rojo (2009, p.96) vem dizer que:

Letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e a escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

Assim sendo, embora letramento e analfabetismo sejam conceitos parecidos, não são as mesmas coisas. Kleiman (1995, p.20) *apud* Rojo (2009, p.96), vem dizer que:

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente percebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras

agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes.

Pelas afirmações de Kleimam, evidencia-se que o letramento é entendido como uma prática social. Isso quer dizer, em outras palavras, que um sujeito pode ser analfabeto, mas participar de práticas de letramento. Pode-se dizer, com isso, que letramento diz respeito às exigências sociais do uso de leitura e escrita. Fica notório, assim, que não se podem confundir os conceitos de alfabetização, e principalmente de alfabetismo em relação a letramento:

Vale apenas insistir na distinção: o termo alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolve a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrendo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009, p. 98).

Segundo os parâmetros curriculares Nacionais (1997) o ensino da língua portuguesa, consoantes diretrizes emanadas do ministério da educação, deve voltar-se para a função social da língua como requisitos básicos para que o indivíduo ingresse no mundo letrado e possa construir seu processo de cidadania e integrar a sociedade como ser participante e atuante:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significação de texto a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a língua. Característica do gênero, do portador, do sistema de escrita (Parâmetros Curriculares Nacionais; Secretária de Educação Fundamental. Brasília, 1997, p. 53).

Nesse contexto, é interessante lembrar que a aprendizagem da leitura e escrita na escola é fundamental para a integração do aluno e para a formação do cidadão no mundo literário.

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua, que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. Assim, pode-se observar que a capacidade para aprender está ligada ao contexto pessoal do indivíduo e ao social. Desta forma, Lajolo (2004) afirma que cada leitor entrelaça o significado pessoal leituras de mundo, com os vários significados que ele encontrou ao longo da história de um livro, por exemplo.

O ato de ler, então, não representa apenas a decodificação já que esta não está imediatamente ligada a uma experiência, fantasia ou necessidade do indivíduo. De acordo com os PCN'S (1997) a decodificação é apenas uma, das várias etapas de desenvolvimento da leitura. A compreensão das ideias percebidas, a interpretação e a avaliação são outras etapas que se fundamenta no ato da leitura. A forma de trabalhar com a diversidade textual, segundo os PCN'S (1997), fazendo com que o indivíduo desenvolva significadamente as etapas de leitura, é contribuir para a formação de leitores competentes, ou seja, leitores alfabetizados-letrados.

Ler e escrever são exercícios que envolvem reflexão, raciocínio e experimentação. Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura. E nesse contexto, considerando que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos, que a relação entre essas duas atividades devem ser compreendidas.

Se o objetivo do ensino de língua materna é desenvolver a competência da oralidade e o domínio da escrita, ou se essas atividades exigem um trabalho sistemático, caberá a escola a efetivação desse trabalho. É consenso entre os estudiosos das questões ligadas ao ensino da língua materna que as competências de falar, ler e escrever dependem das situações de uso e reflexões sobre essas práticas.

De acordo com o nível de desenvolvimento cognitivo de cada criança, o professor pode organizar, além de atividades individuais, trabalho em pequenos grupos e interações livres entre os alunos. No aspecto social e econômico, a grande maioria das crianças é de família carente.

Partindo do pressuposto de que a leitura é o veículo básico e essencial para a inserção do indivíduo no universo letrado e por isso deve se desenvolver por meio da interação prazerosa do leitor com o texto ressalta-se a importância do rompimento com os padrões tradicionais, onde as práticas leitoras possuem fins didáticos e utilitários na transmissão das informações pré-estabelecidas pelo professor, tomando por base o currículo escolar. Procedendo assim, o educador passará de transmissor a mediador e o ato de ler deixará de ser um processo mecânico de decodificação, transformando-se numa atividade valorosa enquanto prática dinâmica, socialmente construída e geradora de prazer.

2.3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR: DO PROFESSOR LEITOR AO ALUNO LEITOR

Parafraseando os conhecimentos teóricos de Lerner (2002), percebe-se que, hoje, ainda há uma tendência a se valorizar, dentro do campo da Língua Portuguesa, o ensino da gramática normativa, tornando-se necessário derrubar esse pensamento, o qual reduz a língua a gramática e suas fórmulas e normas. Assim diz Lerner (2002, p. 16):

É preciso fazer da sala de aula um ambiente propício para se desenvolver a leitura e escrita. Não a leitura e a escrita condicionada a todo instante pelo professor, direcionadas por ele. Trata-se aqui de uma abertura maior para que os alunos possam escolher os seus objetos de leitura e de escrita sem preocupação demasiada com o tempo e liberdade de escolha. Liberdade para ler e escrever. Liberdade para estabelecer relações e interpretações com o texto lido ou escrito. O aluno deve ser motivado pelo professor a adotar para si as práticas de leitura e escrita. Estas devem ser motivo de prazer, e não obrigação, punição ou até mesmo tortura.

Ao se referir a leitura, também existe o pensamento de Paulo Freire (1996, p.98) ao dizer que:

“a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

Ideia brilhante a de Freire, a minha leitura de mundo precedendo e determinando a minha leitura da palavra e esta sendo fundamentalmente essencial para a continuidade e a ampliação daquela. Neste sentido, se pode dizer que texto e mundo se confundem a leitura e/ou a escrita do texto pode decifrar o mundo. Concebe-se esta ideia como portadora de verdade, não há como negar que não se pode atribuir mais o ensino de Língua Portuguesa dissociado das práticas de leitura e escrita em sala de aula. Ela é mais um dos ambientes que devem proporcionar ao aluno opções, possibilidades e prazeres de leitura e escrita de texto.

Sobre a necessidade de se implantar a leitura e a escrita na escola, Lerner (2002, p.10) afirma que:

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorreu aos textos buscando respostas para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é o objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para combater outra que consideram perigosa ou injusta desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores.

A leitura ocupa um espaço privilegiado não apenas no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que têm por objetivo a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Sabe-se que a compreensão de um texto só seria possível, por meio de uma leitura crítica, utilizando os sentidos e criando relações entre o texto e o contexto das coisas.

Conforme Lajolo (2004, p.15) ou o texto dá um sentido ao mundo ou ele não tem sentido nenhum. A pergunta que se faz, então, é: como ensinar a ler? É fato que não há uma maneira ou método 100% eficaz, porém, cabe ao professor decidir a maneira mais coesa de ensinar a leitura e seu verdadeiro significado, que é sempre ir além, para ler de forma crítica e sábia.

Se a leitura é entendida como prática social, fica evidente a importância do professor também ser um leitor assíduo, pois professor que lê, que gosta de livros, que sente prazer na leitura e a incentiva, consegue mais facilmente estimular seus alunos e experimentarem a aventura que cada texto possibilita. Esse exercício cognitivo e social é fundamental no processo ensino aprendizagem, mas também é, sem dúvida, um poderoso meio para a compreensão e transformação da realidade.

A leitura é nessa perspectiva um precioso meio de se instigar a prática da reflexão no aluno, sujeito-leitor que atua na realidade que o circunda. É a partir da reflexão dos textos lidos que o aluno-leitor constrói seus valores e crenças, conseguindo distinguir e se posicionar perante a sociedade, no que se refere a importância de ser um leitor assíduo e crítico. Lajolo (2004, p.53) enfatiza que:

Se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. e a semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significados nenhum para os alunos, mesmos que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas.

Conforme esse parecer, o objetivo do ensino de leitura na escola deve ser o de formar leitores competentes. Entende-se por leitor competente alguém que saiba selecionar dentre os textos de circulação social, aqueles que atendem às suas necessidades e que consigam ler não apenas o que está escrito explicitamente, mas também aquilo que está implícito. Além disso, o leitor competente deve ser capaz de estabelecer relações entre o texto que lê e outros já lidos.

Baseado nos PCNs (1997), escritor competente é aquele capaz de reconhecer diferentes gêneros de texto e selecionar o mais apropriado e seus objetivos em uma

determinada situação comunicativa. O ato da leitura é muito mais do que simplesmente ler um artigo de revista, um livro, um jornal. Ler se tornou uma necessidade, é participar ativamente de uma sociedade, desenvolver a capacidade verbal, descobrir o universo através das palavras, além do fato que ao final de cada leitura nos enriquecemos com novas ideias, experiências. Segundo Josef Soares (1998, p.24):

Cada leitura é uma nova escritura de um texto. O ato de criação não estaria, assim na escrita, mas na leitura, o verdadeiro produtor não seria o autor, mais o leitor. Ler não é descobrir o que o autor quis nos dizer, [...] ao ler, o leitor trabalha produzindo significações e nesse trabalho que ele se constrói leitor.

Percebe-se com isso que o ato de ler é um processo, leitura é algo que se produz, cria e recria. De acordo com Sandroni e Machado (1998, p.16) o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente é preciso ajudar a criança a descobrir o que elas podem oferecer. Assim, pais e professores têm o papel fundamental nesta descoberta: serem estimulados e incentivadores da leitura. Portanto, a escola precisa investir cada vez mais no trabalho com a literatura, pois ela é capaz de criar tensões em nós mesmos e suscitar intuições acerca de vida humana.

São essas práticas de ensino da leitura e da escrita que a história conhece dois métodos que desejam chegar ao mesmo objetivo: a fluência da leitura e da escrita. Para os dias atuais, devido à globalização e o grande fluxo de textos que circulam, sobretudo nos meios urbanos, acredita-se que a prática do modelo global seja mais efetiva para uma aquisição de leitura e escrita que leve o aluno a interpretação e inferências mais críticas e, conseqüentemente, ao desejo de transformar o seu contexto social.

Diante do exposto, a questão da leitura e da escrita é um trabalho que o professor deverá realizar com perspicácia e engenho, pois cada aprendiz tem o seu tempo e as suas hipóteses, elas nunca deverão ser desconstruídas no ato de aprender a ler e escrever. Todas elas são válidas e deverão ser tomadas como momento pedagógico de aprendizagem. Outro aspecto de importância a ser levado em conta no ato de ensinar a ler e escrever é aquele que coloca os alunos numa cobertura aos diversos portadores de textos. À medida que o aluno desenvolve-se, a forma de usar a linguagem aprimora-se. Ela deixa de ser um objeto exclusivo de expressão do pensamento e de comunicação e passa a ser também um objeto de análise e reflexão, ou seja, a criança ou adulto desenvolve a capacidade de focalizar a atenção sobre a linguagem e refletir sobre a sua natureza, sua estrutura e função.

2.4 O PROFESSOR LEITOR E FORMADOR DE CONSCIÊNCIAS CRÍTICAS

A prática do professor vai depender, profundamente, de sua concepção de língua e linguagem. Um tipo de professor que se identifique com a pedagogia socioconstrutiva e que veja a língua como uma atividade que está sempre em uso, podendo ser modificada, sobretudo, semanticamente em seus diversos contextos. Esse tipo de educador, com certeza, levará seus alunos a lerem as diversas realidades de maneira diferenciada em busca de uma transformação social e a conseqüente melhora da qualidade de vida.

Somente um professor leitor poderá formar leitores autênticos, pois ele próprio abdica das ideias pré-concebidas dos livros didáticos e passa a realizar um trabalho com portadores de textos reais e significativos para a determinada comunidade de sujeitos aprendizes. Vale lembrar, ainda, que para que aconteça um trabalho efetivamente significativo com a leitura é indispensável que o educador seja um leitor potencial, pois cabe a ele proporcionar aos educandos um convívio estimulador para a leitura, tornando as atividades de leitura em aprendizagem significativa, pois o educador leitor tem condições de estimular e contagiar o aluno em clima que seja altamente favorável à leitura.

Vivenciar os desafios de formar leitores em uma sociedade globalizada que se move freneticamente num circuito de milhares de informações vindas de muitas fontes e lugares, já é suficiente para nos deixar atordoados. Como processar e selecionar aquelas leituras que mais nos tocam e nos dizem respeito, dentro desse espetaculoso cenário? É por isso que as escolas e aulas precisam ser reformuladas para valorizar relacionamentos e a construção conjunta de conhecimentos. Essa preocupação com a formação do leitor é explicitada por Barbosa (1994, p.136), ao afirmar:

O adulto mediador de leitura é intérprete de um mundo repleto de aventuras que permitiu a criança alargar as fronteiras do seu próprio mundo com o apoio do adulto, ela descobre que a leitura lhe permite viver experiências pouco comum ao seu cotidiano, a trama do texto permiti-lhe experimentar sentimentos de alegria, tristezas, medo, angústia, encantamento. Com essas leituras a criança já começa a conceber livro como uma possibilidade de trocas interpessoais.

Conforme Piaget (1981, p.159) o papel do professor é possibilitar que o aluno aprenda a aprender. Isso significa aprender a se desenvolver na escola e depois dela. Nesse processo de aprendizagem cabe ao professor provocar, instigar a curiosidade, fazer relações com outros textos e utilizar as reportagens para a construção do saber, já que informação sozinha não é nada, informação aliada ao trabalho docente é conhecimento. O papel do

professor na sala de aula é de criar estratégias para que a criança realize trocas verbais e se sinta encorajadas a prosseguir diante de questões desafiadoras, ou seja, sua função é solicitar a reflexão da criança a todo o momento.

2.5 A LEITURA COM PRAZER: DESAFIOS PARA O PROFESSOR

Desenvolver o hábito da leitura na escola nem sempre é uma tarefa fácil para os educadores, e incentivar esse hábito pelo resto da vida do sujeito aluno acaba por ser uma tarefa ainda mais árdua. Lerner (2002) aponta que a leitura não deve ser um propósito específico. A leitura nasce sempre interpolada nas relações com as pessoas, supõem intercâmbios entre leitores acerca dos textos: interpretar, indicar, contestar, intercambiar e outros. Esse processo é o verdadeiro sentido social dessa prática.

Para tornar a leitura um processo prazeroso se faz necessário observar alguns fatores: ao ensinar alguém a ler é necessário levar em consideração quais os objetivos do leitor e isso é o grande passo para o docente definir que tipo de texto trabalhará com seu aluno, bem como se torna inevitável organizar o ensino da leitura e da escrita procurando criar condições para a apropriação da linguagem escrita como instrumento de compreensão e intervenção na realidade.

O professor acaba sendo peça chave no processo de ensino aprendizagem, pois embora existam regras ditando como as atividades pedagógicas devem ser cumpridas, ainda assim, é preciso notar que essas regras só serão postas em práticas se os professores as atacarem. Cabe ao educador saber aonde quer chegar e estabelecer um objetivo e exigir que as metas sejam cumpridas

Um dos deveres do professor, segundo Ferrari (2008), é criar uma atmosfera laboriosa na escola, de modo a estimular as crianças a fazer experiências, procurar respostas para suas necessidades e inquietações, ajudando e sendo ajudados por seus colegas e buscando no professor alguém que organize o trabalho. Outra função primordial do professor, destacada pelo mesmo autor acima citado, é colaborar ao máximo para o êxito de todos os alunos.

Segundo Ferrari (2008), o primeiro contato da criança com novas atividades, ou informações, deve ter a participação de um adulto. Ao internalizar um procedimento, a criança se apropria dele, tornando-o voluntário e independente. O psicólogo considera que todo aprendizado amplia o universo mental do aluno, o mesmo atribui importância ao papel do professor como impulsionador do desenvolvimento psíquico das crianças.

Em sala de aula é possível desenvolver ações pedagógicas críticas, seguindo-se princípios que orientam o ensino-aprendizagem. Segundo Moreira (2005, p.19), os princípios são:

- Princípios do ensinar-aprender perguntas ao invés de respostas;
- Da não centralidade do texto; do aprendiz como preceptor-representador;
- Do conhecimento como linguagem; da consciência semântica;
- Da desaprendizagem, da incerteza do conhecimento;
- Da participação ativa do aluno.

Atualmente, muitas escolas vêm fundamentando sua prática pedagógica no sociointeracionismo, constituído, sobretudo, dos princípios teóricos de Piaget e de Vygotsky. Esses pesquisadores enfatizam a ação do aluno sobre os conteúdos a serem apresentados. Acreditam que o conhecimento é algo a ser continuamente construído. A ação pedagógica fundamenta nessas teorias privilegia o trabalho em grupo e a interação social.

A escola insere o aluno no contexto de diálogo da cultura, um diálogo que se dá por escrito; por isso, ensinar o aluno a escrever para que ele possa participar nesse diálogo é tarefa de toda escola. Ensinar a escrever é uma tarefa de uma escola disposta a olhar para frente e não para a repetição do passado que nos trouxe à escola, que temos hoje. O trabalho com o texto é algo incerto e passível a erros. Como diz Neves (1999, p.164):

Trabalhar com o texto implica trabalhar com a incerteza e com o erro e não com a resposta certa, porque escrever é produzir e não reproduzir velhas certezas, pois certezas nos deixam no mesmo lugar: é o erro que nos leva na direção do novo.

Por isso, o professor precisa ensinar a conduzir essas discussões, a orientar reescritas de texto, a avaliar textos, segundo critérios claros e estabelecidos previamente, porque sua tarefa é levar o seu aluno a escrever melhor e não apenas a classificar seu texto dentro de uma escola qualquer. Conforme Neves (1999, p.151), "O professor precisa, enfim, ensinar-se a fazer o que quer que seus alunos aprendam a fazer; precisa ensinar a escrever para produzir conhecimento".

De acordo com nível de desenvolvimento cognitivo de cada criança, o professor pode organizar, além de atividades individuais, trabalhos em pequenos grupos e interações livres entre os alunos. Esses momentos possibilitam a coordenação de ações entre as crianças, a correção mútua, o confronto de pontos de vistas, o controle recíproco das contradições, a discussão e a argumentação que favorecem a tomada de consciência dos equívocos ou dos erros.

Conforme Piaget (1981), o papel do professor é possibilitar que o aluno aprenda a aprender, isso significa aprender a se desenvolver na escola e depois dela educar. O professor não deve pensar no que a criança é, mas no que ela pode se tornar. Cabe ao docente estimular o conhecimento.

Piaget (1981) concebe o conhecimento como uma concepção que vai além dos modelos que compreendem o conhecimento como algo a priori pela hereditariedade ou pelo meio e defende a ideia de que, em nenhum momento, o conhecimento está pronto ou acabado, mas sempre em construção, graças às interações do indivíduo com o meio físico e social.

2.6 ESTRATÉGIAS NO PROCESSO DA LEITURA

Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes.

Para Soares (1998), dentre outras habilidades /capacidades, a leitura inclui as de fazer previsões sobre o texto, de construir significados combinando conhecimento prévio e informação textual, de refletir sobre o significado do que foi lido e tirar conclusões sobre o assunto focado. Por outro lado, essas habilidades/capacidades são desenvolvidas à medida que o leitor, no ato de ler, faz uso das chamadas estratégias de leitura.

Ler é uma atividade complexa que faz amplas solicitações ao intelecto e às habilidades cognitivas superiores da mente: reconhecer, identificar, agrupar, associar, relacionar, generalizar, abstrair, comparar, deduzir, inferir, hierarquizar. Não está em pauta apenas a simples decodificação, mas a apreensão de informações explícitas e implícitas e de sentidos subjacentes à construção de sentidos que dependem de conhecimentos prévios a respeito da língua, dos gêneros, das práticas sociais de interação, dos estilos, das diversas formas de organização textual.

É importante ressaltar que, para Kleiman (2000), o leitor não recebe pronto o significado do texto, ele constrói, gradualmente. Logo, cabe ao professor medir essa construção, seja apontando aos alunos pontos contidos no texto, seja fazendo perguntas que os levem a refletir mais sobre o assunto focado ou orientando-os nas relações que podem estabelecer entre o texto e o contexto histórico social de produção e de leitura.

Desse leitor , espera-se que processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, que a desfrute ou a rechace, que dê sentido e significado ao que lê (SOLÉ, 1998, p.21).

Oliveira (2013, p.72) destaca ainda a importância de utilizar textos que circulam socialmente, como cartas, textos de mídias, mensagens, bilhetes, manuais etc. Segundo o autor, de nada adianta o aluno aprender estratégias que serão aplicadas para textos que são utilizados somente na esfera escolar. Ao trazer textos condizentes à realidade dos alunos para a sala de aula, isso acaba sendo uma estratégia para a leitura e escrita dos alunos, uma vez que, incentiva-o a participar dos processos de leitura e escrita em sala de aula.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Baseado nesse processo de formação de alunos leitores no ambiente escolar a proposta deste trabalho foi de realizar uma pesquisa para saber como vem sendo trabalhada a leitura e a escrita, em sala de aula, com alunos do 5º ano.

Foi aplicado um questionário com cinco professoras do 5º ano do ensino fundamental I da Escola Estadual Dr. João Navarro Filho, localizada no Bairro Valentina I, no município de João Pessoa-PB. Como instrumento desta coleta foram aplicados questionários, O questionário foi composto por 14 questões (ver Apêndice), variando entre questões fechadas e abertas, mas todas buscando investigar como as professoras alvo desenvolvem suas atividades com a leitura e escrita.

Em virtude do *corpus* a ser analisado, questionário aplicado com professores do 5º ano, bem como dos procedimentos a ser cumpridos na análise das fontes de pesquisa, classificou-se a pesquisa como sendo qualitativa, tendo em vista que preocupação recaiu sobre a leitura, descrição e interpretação dos dados coletados. Assim sendo, igualmente pode-se classificar a pesquisa como sendo descritiva interpretativa. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regras através do trabalho intensivo de campo, foi o que fizemos.

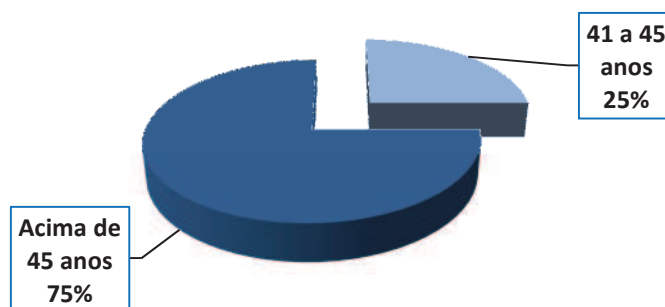
Para descrever e interpretar os dados obtidos foi usado fontes bibliográficas como forma de reforçar leituras sobre as fontes de pesquisa, dentre os quais, os PNCS (Parâmetro Curricular Nacional para o Ensino Fundamental). Para observar como está sendo criado o espaço de leitura na sala de aula, além do questionário, acompanhou-se algumas aulas de língua portuguesa a fim de se observar diretamente a recepção dos alunos e a situação criada pelo professor no trabalho com a leitura. Essa observação direta possibilitou entender se a capacitação do professor, enquanto leitor, promoveu alguma influencia na capacitação do aluno para ser um leitor assíduo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As principais respostas obtidas no questionário serão apresentadas a seguir. Como já foi mencionado foi aplicado como instrumento de coleta de dados como objeto de análise respostas de um questionário (ver apêndice) realizado com cinco sujeitos (professoras da rede estadual). Para efeito de análise as perguntas foram divididas em dois grupos: perfil e atuação em sala de aula. No primeiro caso foram elaboradas seis perguntas, variando entre questões abertas e fechadas; já no segundo, tivemos nove questões, todas abertas.

Sobre o perfil dos entrevistados os resultados são apresentados nos Gráficos 1 a 3. No Gráfico 1 verifica-se que 75% dos entrevistados estão na faixa etária acima de 45 anos, o que indicam maturidade e experiência de vida suficiente para tratar com crianças do 5º ano do Fundamental I, pois apenas 1 professora está na faixa de 41 a 45 anos de idade.

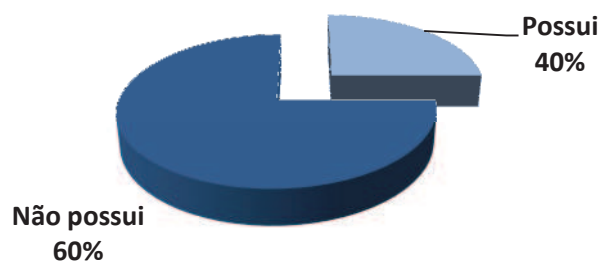
GRÁFICO 1: FAIXA ETÁRIA



Fonte: própria, 2014

No Gráfico 2 é aferido que a formação acadêmica dos professores e evidencia-se que 60% não possui pós-graduação, mas foi observado durante as entrevistas que todas as entrevistadas possuem graduação.

GRÁFICO 2: PERCENTUAL DAS PROFESSORAS QUE POSSUEM PÓS-GRADUAÇÃO



Fonte: própria, 2014

O Quadro 2 apresenta o tempo de serviço na área de educação e atuação no ensino fundamental I, de cada uma das entrevistadas.

QUADRO 2: TEMPO DE SERVIÇO NA EDUCAÇÃO E ATUAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Tempo de serviço na área da educação	Tempo de atuação no ensino fundamental I
25 anos	25 anos
25 anos e 10 meses	25 anos
29 anos	29 anos
30 anos	30 anos
29 anos	25 anos

Fonte: própria, 2014

Verifica-se que todas as professoras possuem significativa experiência no ensino, onde todas com mais de 25 anos de ensino, corroborando com o observado no Gráfico 1 onde foi identificada a idade dos entrevistados, com todas as professoras com mais de 40 anos de idade.

Para facilitar a leitura dos dados e como forma de não revelar a identidade dos sujeitos que nos concederam as respostas para o questionário, optamos por fazer uma divisão,

assim, a partir desse momento, para analisarmos as questões abertas, classificaremos os sujeitos em: A, B, C, D e E. Vale ressaltar que houve uma transcrição fiel das repostas, portanto, caso seja apresentado algum erro lingüístico é de autoria dos sujeitos questionados.

Quanto à atuação na sala de aula, elencamos, inicialmente, a seguinte pergunta: *Como você trabalha a leitura em sala de aula?* Segue as respostas para o primeiro questionamento:

Sujeito A: *A leitura é feita em quase todas as matérias, oral, coletiva e individual, como forma de pesquisa de conteúdos; vários gêneros textuais.*

Sujeito B: *De forma motivadora. Buscando sempre informações deles relacionado ao título do texto.*

Sujeito C: *Leitura oral, silenciosa, compartilhada, dialogada.*

Sujeito D: *Geralmente trabalho a leitura de forma participativa interagindo com o aluno e seguindo os passos da exploração de uma leitura.*

Sujeito E: *Conquistando o interesse dos meus alunos ajudando a perder o medo de ler, mostrando a importância da leitura, para saber utilizar em diferentes fontes de informação.*

Enquanto os sujeitos B e D oferecem respostas vagas quanto a forma que trabalham a leitura “de forma motivadora” e “de forma participativa”, os sujeitos A e C apresentam as maneiras como comumente trabalha a leitura em sala de aula, de forma oral, individual, silenciosa, compartilhada, coletiva, dialogada. Ao elencar esses modos percebemos como os sujeitos A e C se preocupam não apenas com a oralidade, mas com entendimento individual de cada aluno, oferecendo primeiramente uma experiência entre aluno/texto abrindo espaço para a leitura compartilhada e dialogada com auxílio do professor para suprir o que não for possível compreender inicialmente apenas com uma leitura individual,

Como vimos na dimensão “o letramento” as práticas de leitura e escrita em sala de aula se concretizam de diferentes maneiras, dentre as quais, naquelas situações em que os professores preparam um texto para ser lido e discutido com as crianças, ou seja, quando o texto se torna objeto de análise e conhecimento. Por meio de situações de aprendizagem que tomam o texto como objeto de ensino, as crianças deve ter oportunidade de compartilhar com os professores suas estratégias, seus

conhecimentos, suas habilidades de leitura e escrita. (MONTEIRO; BAPTISTA, 2009, p. 23)

Os sujeitos A e C dizem fazer o trabalho com a leitura de forma oralizada, silenciosa, individual e/ou coletiva, o que demonstra abertura para uma participação discente. Dentro do trabalho com a leitura oralizada, precisa-se de cuidados, pois, muitas vezes, a criança fica mais preocupada em ler corretamente, não entendendo o que está sendo lido, o que não ajuda no processo da leitura, bem como as dificuldades encontradas em relação a determinadas palavras, geralmente, sofrem interferência do professor. Enquanto o processo de leitura estiver nas mãos do professor, não haverá uma leitura efetiva, é preciso que esse controle esteja nas mãos das crianças, e que as mesmas saibam oralizar e prever ao mesmo tempo o que está sendo lido. Para isso, faz-se necessário que se tenha não apenas o trabalho com a leitura oral, mas formas de como incentivar o trabalho com a oralidade.

O sujeito A, embora fale em leitura coletiva, deixa a desejar quando afirma que essas formas de trabalhar a leitura resume-se a forma de pesquisar conteúdos. Parece-nos que ao apresentar essa forma de trabalho com a leitura, a professora inviabiliza os usos dos conhecimentos prévios dos alunos, bem como dos conhecimentos cognitivos, não facilitando que o aluno faça antecipações sobre os conteúdos trazidos nos textos,

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. (SOLÉ, 1998, p.23)

Notamos que o conceito de leitura apresentado na citação, acima, resume-se ao modelo interativo, pelo qual deve haver uma interação entre o leitor e o texto (autor). É preciso que exista essa interação e não apenas que o aluno leia um texto em busca de conteúdos, uma vez que, mesmo sendo apresentado aos alunos textos com conteúdos invariáveis, ainda, assim, é possível que leituras realizadas por dois ou mais alunos sejam interpretadas de formas distintas, a depender de seus conhecimentos de mundo.

A professora B demonstra pouca familiaridade no que concerne a interpretação, pois traz uma resposta, além de vaga, incoerente ao que foi questionado. Isso comprova deficiência na leitura.

O sujeito D fala em interação, mas esta é restrita ao próprio professor para com os alunos, logo, não corresponde a uma leitura interativa, pois, como já foi visto para se ter uma leitura interativa é necessário a existência de interação do aluno com o texto e com o autor.

Ainda em relação a esse sujeito, percebe-se que o mesmo diz seguir os passos de exploração de uma leitura, ficando vago. Nos perguntamos: Quais passos?

Quanto ao sujeito E, este apenas fala da importância em incentivar a leitura, não mencionando como deve ser realizado o trabalho a com a mesma.

Uma vez que ficamos conhecendo como as professoras trabalham a leitura na sala de aula, nos interessamos em saber como é criado o espaço para essa leitura, assim foi realizado o seguinte questionamento: De que forma poderemos criar espaços na sala de aula para a leitura?

Sujeito A: *Aproveitando a diversidade de gêneros; propaganda, receitas; notícias de jornais, panfletos, etc..*

Sujeito B: *Através de círculos; cantinho de leitura bastante criativo, etc.*

Sujeito C: *Criando a hora da leitura*

Sujeito D: *Em todos os momentos é necessário que saibamos conduzir o processo da leitura.*

Sujeito E: *Criando diferentes locais de leitura através dos quatro cantos da sala de aula. Espaço de poesia, leitura infantil, leitura de cordel...*

Percebemos que os sujeitos B, C e E oferecem possibilidades ao criar espaços de leitura, na sala de aula, através de círculos, cantinho de leitura e hora da leitura. Fomentar esses momentos em sala, trabalhando com vários tipos de textos (poesia, cordel, livros infantis), favorece que a leitura seja uma prática cotidiana necessária a realidade do aluno, tanto no ambiente escolar, como desperta no aluno o interesse em observar os vários textos que estão circulando na sociedade em que frequenta,

Sabemos que as crianças são muito curiosas e se envolvem com entusiasmo em situações que as desafiam a explorar os mais diferentes tipos de material de leitura; a manusear livros, jornais e revistas; a ouvir a leitura de contos, poemas, crônicas, reportagens; a brincar de ler e de escrever ou mesmo a criar e participar de jogos e brincadeiras nas quais a leitura e a escrita são objetos centrais. Todas essas são maneiras de aproximar as crianças da cultura letrada. (MONTEIRO; BAPTISTA, 2009, 21)

Vale ressaltar que o ideal não é apenas se ter um “cantinho” voltado para a leitura contendo decorações; a questão principal também é saber como trabalhar a leitura nesse cantinho. O processo de leitura, nesse espaço, pode ser iniciado a partir de textos que as crianças já reconhecem em seu cotidiano. É interessante que a escrita esteja mais presente nesse local que o uso da oralidade, bem como é possível realizar dramatizações a ser desempenhadas nesse ambiente, utilizando-se cartazes.

A construção desse canto deve ser pensada como forma de atrair os alunos, por exemplo, os livros devem estar em posição de destaque e em posições favoráveis para que o aluno tenha contato com o mesmo, onde o mesmo possa folhear o livro, observar a capa, contracapa, imagens e faça sua própria decisão sobre se irá ler ou não.

Quanto ao sujeito A, este demonstra conhecimentos em relação ao material de estudo que pode utilizar no trabalho com a leitura, ao mencionar a diversidade de gêneros. Sabemos que, hoje, o trabalho com gêneros textuais/discursivo é essencial na sala de aula.

De acordo com Marcuschi (2008, p.154) “toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Daí a centralidade da noção gênero textual”. Dentro desse pensamento, observamos que as mais diversas situações sociais se materializam verbalmente através de gêneros. Assim, o trabalho com a leitura exige o trabalho com os gêneros textuais, e, conseqüentemente, uma vez que, a professora utilize diversos gêneros, também estará trazendo para a sala de aula, textos que são da realidade dos discentes, mostrando que cada texto possui um padrão a depender suas funções sociocomunicativa. Portanto, “gênero textual refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes” (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Para o sujeito D não existe um momento ou cantinho específico para o trabalho com a leitura, esta deve ser realizada em todos os momentos. É preciso salientar que mais que um lugar específico para despertar o prazer pela leitura, às estratégias de leitura, ou seja, a forma como incentivar o aluno a se interessar em ler, é fundamental. O professor pode demonstrar satisfação nas leituras que realiza para seus alunos, estimulando a imaginação destes, e, isso pode acontecer em qualquer momento ou espaço da sala aula. Para isso, o professor precisa conhecer a realidade do discente, a fim de que não fuja do mundo social dos mesmos. Cada público solicita determinados tipos de leitura. A leitura não pode se vista como um momento de obrigação, com local e hora marcados, mas sim como prazer.

Despertar o gosto pela leitura, em sala de aula, não é tarefa fácil, pois aquela acaba sendo vista mais como uma obrigação, quando, na realidade, os alunos estão diariamente tendo que ler, então, cabe a escola, através da imagem do professor, fazer com que os sujeitos alunos percebam e sintam satisfação em ler. Montar um espaço adequado para que aconteça esse processo é uma ferramenta atrativa para o aluno, mas a importância maior para lidar com a tarefa de ensinar a ler, não depende só desse espaço, e, sim da atuação de quem vai mediar esse processo. A forma como a leitura é trabalhada faz com que o aluno tenha gosto e competência ao realizar essa atividade, ou não.

Sabendo que há momentos para a leitura, ou que esta é realizada em todos os momentos durante as aulas das professoras, ficou subtendido que é porque as mesmas consideram o ato da leitura como sendo importante, portanto, questionamos as mesmas: Por que é importante criar o hábito de leitura?

Sujeito A: *Para que aos poucos os alunos percebam o quanto a leitura e a escrita já fazem parte do seu cotidiano que só precisa exercitá-la.*

Sujeito B: *Por que é através da leitura que nasce um ser pensante, criativo, consciente, autônomo para resolver seus problemas.*

Sujeito C: *Para criar leitores fluentes que sintam prazer em realizar essa atividade.*

Sujeito D: *É preciso conscientizar o aluno da importância da leitura em nossas vidas, conduzindo-o ao interesse pelos diversos tipos de gêneros textuais.*

Sujeito E: *Por que melhora a aprendizagem ampla dos conhecimentos, proporcionando um futuro promissor.*

E consenso entre **muitos** estudiosos sobre a necessidade de estimular as crianças o hábito da leitura, mas o maior problema é colocar essa atividade em prática,

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem. (SOLÉ, 1998, p.32)

Talvez essa dificuldade, no ensino da leitura, se dê pela grande variedade de textos a ser lidos, em que a leitura pode acontecer apenas como estudo, como informação, ou, o melhor, por prazer.

A leitura serve como base para despertar a criatividade da criança, possibilita que a mesma organize seus pensamentos, no momento em que aquela reconta, por exemplo, uma história lida, apresentando seu início, meio e fim. A partir das vivências ocorridas pelos personagens nas mais diversas histórias, a criança passa a observar seu mundo real, criando suas próprias verdades. Sem esquecer, também, que é com a leitura que o conhecimento dos vocabulários são adquiridos e enriquecidos.

Sobre esse pensamento, observamos que o sujeito B e em partes o sujeito E, oferecem uma resposta mais coerente sobre o hábito da leitura. Os mesmos dizem que o hábito da

leitura permite a formação de sujeitos como seres pensantes e autônomos, onde a leitura permite ampliar os conhecimentos, favorecendo um futuro promissor. Já diz Martins (1998, p.22):

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômico e cultural. Saber ler escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres.

Embora o sujeito B e E sejam mais completos em suas respostas, os demais sujeitos também trazem pontos importantes a respeito da criação do hábito da leitura, uma vez que, dizem que a escrita e automaticamente a leitura já se faz presente no cotidiano do aluno (sujeito A), que esse hábito deve ser incentivado, para que ler não seja uma atividade que não desperte prazer (sujeito C), e que para a existência desse hábito torna-se necessário diversificar os textos (sujeito D), isso possibilita aos alunos reconhecer quais gêneros ou tipos de textos, incluindo temas, são mais atrativos para eles.

Logo em seguida foi perguntado como podemos tornar um aluno em um escritor competente,

Sujeito A: *Vou citar um dito popular: “a prática leva a perfeição”, então quanto mais incentivar e o aluno praticar, com certeza haverá resultados positivos.*

Sujeito B: *Procurando treinar bastante diversos tipos de textos. Levando o aluno a pensar e escrever sobre o que pensa de seu mundo.*

Sujeito C: *Cultivando o prazer da leitura, desde pequeno.*

Sujeito D: *Mostrando para o aluno as informações contidas em cada leitura, trabalhando o resumo de um texto, o fichamento de paradidático etc.*

Sujeito E: *Desenvolver o conhecimento ajustado do aluno e o sentimento de confiança que suas capacidades afetivas e cognitivas e de integração social.*

É preciso saber que não existe uma receita infalível, repassada pelo professor, pela qual os alunos que seguirão se tornarão escritores competentes, “nenhuma metodologia de alfabetização, avançada ou não, leva por si só à existência de leitores efetivos” (MARTINS, 1998, p.23). Essa capacidade dependerá bem mais de quem aprende do que quem ensina. A

existência de leitores efetivos contribui para efetivação de escritores efetivos e ambos necessitam não só do incentivo docente, mas da dedicação e interesse de quem aprende. “Dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo” (MARTINS, 1998, p.14).

Desse modo, ciente de que a prática constitui o escritor, temos que, todos levaram informações pertinentes, em especial os sujeitos A e B, os quais enfatizaram que a prática é essencial para formamos um escritor competente,

A formação de novos usuários da língua se faz por meio de um longo caminho que existe prática constante e um olhar atento dos formadores para os interesses, as curiosidades, os materiais de acesso, os hábitos e os modos de viver da criança. (MONTEIRO; BAPTISTA, 2009, p.20)

O sujeito E também se levou em consideração os aspectos cognitivos da criança, mostrando a importância de fazer com que o aluno se sinta autoconfiante no processo da escrita/leitura.

Como forma de sabermos se, para trabalhar a leitura/escrita, os professores relacionavam a aprendizagem com a realidade social dos alunos, apresentamos o seguinte questionário: Textos que são da realidade social dos alunos são trabalhados em sala de aula? De que forma?

Sujeito A: *Todo ou qualquer deve ser questionado, para que o aluno faça a relação com a sua realidade se faz ou não parte, demora a discussão.*

Sujeito B: *Sim. Através de produção de texto. Leitura informativa. Apresentação de vídeos. Trabalhos em equipe.*

Sujeito C: *Sim. Através de leituras dialogadas.*

Sujeito D: *Sim. Aproveitamos os livros didáticos, livros complementares, pesquisas em revistas e jornais.*

Sujeito E: *Questionando a realidade formulando problemas e pensando resolvê-los incentivando o pensamento lógico e crítico.*

Vemos que os sujeitos A e E esclarecem que o texto deve ser questionado para que o aluno faça relação com a realidade. As professoras trabalham com a formulação de problemas para que os alunos resolvam, despertando, assim, a criticidade dos discentes.

O sujeito B oferece resposta satisfatória, mostrando que é importante a produção textual, leitura, apresentações, abarcando diversos elementos que podem facilitar para que os alunos compreendam essa relação, em especial, a apresentação em equipe, a qual facilita uma discussão em torno das temáticas apresentadas pelos textos. Já o sujeito C é bem direto em sua resposta, ao afirmar que esse trabalho é realizado por meio de uma aula dialogada, também revelando a existência de um trabalho em conjunto.

Para o sujeito D torna-se importante utilizar os mais diversos suportes textuais, a saber: livros didáticos, livros complementares, revistas, jornais. O trabalho com essa diversidade de suportes acaba sendo benéfico porque os alunos vão percebendo que cada um traz um tipo de escrita, bem como trabalham a realidade de formas diferentes.

Em torno de todas essas respostas é preciso saber, antes de tudo, que para se ter uma prática de ensino adequada é preciso conhecer qual é a realidade dos alunos, esta é essencial, não bastando apenas “jogar” uma quantidade inumerável de textos presentes na sociedade, ou seja, deve haver um planejamento por partes de quem guiará esse estudo, o professor. O trabalho com textos da realidade social dos alunos só tem êxito quando antes dele há um conhecimento da realidade dos discentes. Assim,

Para uma proposta de ensino se tornar um referencial e se materializar em uma prática de ensino adequada, ela deverá ser validada e reconstruída a partir do conhecimento que se tem das crianças e também das interações que se estabelecem entre os participantes do grupo escolar e deles com os objetos de conhecimento. Dessa forma, a avaliação e o planejamento são fatores determinantes para a consolidação dessa prática. (MONTEIRO; BAPTISTA, 2009, p.18)

Portanto, percebemos que realizar um diagnóstico da turma e até mesmo do aluno antes de qualquer proposta de ensino acaba sendo imprescindível. Mais importante que trazer uma realidade para dentro da escola é conhecer os sujeitos da aprendizagem.

Já sabendo que o trabalho com a leitura e escrita não é uma tarefa fácil, partindo-se do pressuposto que na maioria dos casos os alunos não demonstram interesse em realizar tal atividade, demonstrando desinteresse; realizamos outra pergunta: que tipo de estratégias você tem realizado para estimular a prática de leitura. O que fazer para que os alunos leiam?

Sujeito A: *De início falo ou do tema ou dou sugestões (dicas) para gerar interesse em buscar isso serve para filmes também relacionando-os com os gêneros trabalhados*

Sujeito B: *Através de histórias infantis. Poesias; canções; etc. Falar da importância do ouvir; da atenção para uma boa compreensão.*

Sujeito C: *Estamos fazendo empréstimos de livros semanalmente. Todos os dias um determinado aluno lê uma mensagem. Devemos incentivá-los sempre.*

Sujeito D: *Trabalhamos textos dentro da interdisciplinaridade levando o aluno a compreender a mensagem do texto, interiorizando o conteúdo.*

Sujeito E: *Utilizando os diferentes tempos de linguagem verbal, musical, gráfica, plástica, como meio para produzir e expressar, comunicar idéias.*

Os sujeitos A, B, C, D e E usam maneiras diversificadas de estimular a prática de leitura, o importante é que esse seja um exercício contínuo em sala de aula, e que este esteja ligado a realidade dos alunos. Não é satisfatório diversificar os gêneros trabalhados, sem saber dos aspectos sócio-culturais que perpassam o mundo discente.

É consenso entre muitos pesquisadores sobre a necessidade de se,

Vincular o objetivo de aprender a ler ao objetivo de ler para aprender; de considerar a capacidade de compreender e interpretar autonomamente textos escritos como um instrumento necessário para atingir um desenvolvimento pleno no contexto de uma sociedade letrada (SOLE, 1998, p.11).

Dessa forma, o aluno precisa perceber que o maior objetivo da escola não é fazer com que eles decodifiquem sinais gráficos, que apenas saibam oralizar as palavras corretamente. A prática da leitura e o aprender a ler vão além dessa parte estrutural ultrapassam os muros dos códigos linguísticos, e o prazer do aluno, pela leitura, pode ser despertado quando o mesmo começa a observar que essa prática o faz desenvolver na sociedade, não o habilitando apenas a ler sem conseguir entender o que está sendo lido. É lendo que se aprende a ler e viver.

O centro das atenções deve ser o processo pelo qual se ensina a ler e não o resultado da leitura, de acordo com Solé (2009).

Enquanto formadores de leitores, devemos demonstrar, um mínimo que seja, prazer pela leitura, assim será mais fácil incentivar nossos alunos.

A fim de averiguarmos se as professoras conheciam quais textos eram mais atraentes para os alunos, indagamos: Os alunos costumam se interessar, no momento da leitura, por quais tipos de textos?

Sujeito A: *Isso é muito relativo, o gosto é muito diversificado sempre existem os grupos distintos: ficção; cantos; poesias; Crônicas.*

Sujeito B: *Sim. Poesia; cantos, etc.*

Sujeito C: *Histórias em quadrinhos ou seja gibis*

Sujeito D: *Os alunos manifestam interesses em ler fabulas, para questionar a mensagem contida no texto.*

Sujeito E: *Tudo que se refere aos assuntos polêmicos atuais geram interesses aos mesmos.*

Notamos que os gostos são variados, indo da ficção até assuntos polêmicos da atualidade (sujeito E). E, mesmo não textos da realidade, os alunos têm curiosidade pela mensagem que um texto repassa, a fim de questioná-la (sujeito D).

Essas respostas ratificam o que já vínhamos comentando: a importância de trazer a realidade social para a sala de aula. Seja através de uma crônica, de um poema moderno, seja uma notícia, uma fábula, seja lá que gênero textual/literário que se trabalhe, será preciso relacionar seu conteúdo a uma realidade extraescolar, será preciso não apenas ler, mas ler compreendendo essa mensagem que o texto deixa subtendido ou que venha realmente explícita (caso de texto real), associando essas mensagens a vários contextos da realidade dos alunos.

Já foi pontuado que para despertar no aluno o gosto pela leitura faz-se necessário que o mediador desse processo demonstre gosto pela mesma. Uma vez que o docente não demonstra interesse ou prazer quando se está lendo, certamente que isso irá influenciar quem está observando, seus interlocutores, os alunos, poderão juntamente com o seu mediador demonstrar desinteresse para com o processo de ler.

Com isso, para saber o contato e a frequência com que as professoras lidam com a leitura, mais precisamente além da sala de aula, interrogamos: você costuma ler com frequência? Quais tipos de textos?

Sujeito A: *Sempre que possível; gosto de romance, crônicas; contos.*

Sujeito B: *Sim. Poesias; cantos.*

Sujeito C: *Sim. Livros de autoestima e religiosos*

Sujeito D: *Leituras acadêmicas, autoajuda, bíblicas, científicas etc.*

Sujeito E: *Bíblico, didáticos e para literatura.*

Os sujeitos A e B, levam os tipo de textos que leem em casa para sala de aula, carregamos um pouco de nós extra-sala e introduzimos em sala, nossos gostos nos levam a fazer com que o outro também goste. Importante averiguar que o repertório textual tanto lido quando ensinado pela professora B, em sala de aula, é bastante restrito, sua resposta tanto para a questão anterior quanto para essa, restringiu-se a “Sim. Poesias; cantos”.

Embora já se saiba, de acordo com alguns teóricos, que a prioridade, hoje em dia, em um texto (leitura ou escrita), deve ser dada a compreensão das informações que o aluno obtém ao ler ou quer passar no momento que escreve, não podemos esquecer o “escrever correto”. Vale ressaltar que a falta de leitura ocasiona, inclusive, possíveis “erros” na escrita, isso é que observamos na resposta B, a qual, o ponto e a vírgula, vem pontualmente mal colocado.

De uma forma geral, os textos refletem o pouco tempo que os professores têm o que dificulta uma prática de leitura diária. Percebemos isso, através das respostas fornecidas, porque os sujeitos C, D e E, por exemplo, costumam ler textos religiosos ou de autoajuda, no primeiro caso reflete a vida social dos mesmos e no segundo caso, são textos que não requerem tanto tempo ou dedicação por parte de quem ler.

O sujeito D ainda menciona textos acadêmicos, lembrando-se que esse sujeito está concluindo a especialização, comprovando, novamente, que a leitura desses textos acaba se dando não de forma espontânea, mas é uma realidade social do sujeito, que o obriga a realizar tal atividade.

Independente do tempo ou a falta do mesmo acredita-se que as professoras precisam diversificar e tornar uma rotina o processo da leitura, assim ficará mais fácil incentivar seus alunos, apresentando-os uma grande quantidade de textos, os quais eles poderão saber quais serão mais atrativos, com os quais tem mais afinidade.

Uma vez que ficamos sabendo sobre o hábito de leitura de cada professora, sentimos a necessidade de reforçamos esse pensamento, através do questionamento: o que representa a leitura para você?

Sujeito A: *Desde menina meu pensamento sobre leitura e: o meio de transporte mais eficaz para você conhecer o mundo sem sair do lugar. Meu mundo real tem limites, mas a leitura não é sem fronteiras.*

Sujeito B: *Representa o prazer de viver. É como a água, indispensável a nossa vida; pois sem a leitura não se pode evoluir o mundo.*

Sujeito C: *É fundamental, quase vital pois a leitura amplia a nossa visão e nos faz conhecer o mundo sem sair do lugar.*

Sujeito D: *A leitura em conexão com a escrita é o caminho para que entendamos as questões que esta no nosso meio, em qualquer aspecto: social, emocional, econômico, político etc.*

Sujeito E: *A melhor e a mais sólida herança do homem, quem nem mal ouve, mal fala e mal vê.*

O que os sujeitos entendem por leitura, como atividade essencial na vida, deve refletir na forma com que eles trabalham na sala de aula, em que o ensino não pode se restringir apenas a um número limitado de gêneros textuais, sem interligação com mundo criativo, dinâmico, cultural, emocional, aventureiro, entre outros pontos que fazem parte do dia-a-dia da criança.

Entender a leitura apenas como algo que nos ensinarão desde criança, em que a mesma é o meio de transporte para conhecermos o mundo se sairmos de lugar, como nos diz o sujeito A, não basta. O “ideal” seria entender esse conceito e aplicá-lo em nosso próprio mundo, enquanto educadores e no mundo daqueles a quem decidimos educar: nossos alunos. O conhecimento destes pode ser ampliado com a iniciativa daqueles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu as seguintes considerações finais:

Entender o ato de ler torna-se imprescindível no sentido de buscar alternativas viáveis para a formação de leitores. O desafio maior do professor é elaborar situações didáticas que permitam a turma compreender as conexões entre a leitura e a escrita. Educar, portanto, é mais do que reproduzir conhecimentos. É incentivar o desejo de desenvolvimento contínuo preparar pessoas para transformar algo.

O processo de conhecer e aprender, diz respeito às ações, valores, procedimentos e instrumentos que constituem o mundo letrado. Esse processo possibilita aos alunos compreenderem os usos sociais da escrita e, pedagogicamente, pode gerar práticas e necessidades de leitura e escrita que darão significado às aprendizagens escolares e aos momentos de sistematização propostos em sala de aula.

O aprendizado e a progressão da criança, entretanto, dependerão do processo por ela desenvolvido, do patamar em que ela se encontra e das possibilidades que o ambiente escolar lhe proporcionar, em direção a avanços e expansões. O que se pretendeu oferecer, nesta abordagem, é uma expectativa das capacidades linguísticas que as crianças devem desenvolver gradualmente, ou seja, daquilo que cada criança deve ser capaz de realizar a cada ano.

O ensino da leitura deve ser visto como um processo de relação conjunta entre ensino/aprendizagem e, conseqüentemente, entre professor/alunos/ouvintes, que serão sempre parceiros no processo de construção conjunta de significados para o ato. Neste processo de leitura e escrita deverá considerar as várias áreas de conhecimento como a psicologia, a linguística, a história, a cultura e as sociedades em geral.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, José Juvencio. *Alfabetização e Leitura* .2 ed. São Paulo: Cortez 1994.
- BRASIL, MEC. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC- SEF, 1997.
- FERRARI, Márcio. *Célestin Freinet: o mestre do trabalho e do bom senso*. São Paulo: Nova Escola, julh.2008. Edição Especial grandes pensadores. Disponível em : < [http\revistaescola.abril.com.br||historia|prática-pedagógica|mestre.trabalho.bom.senso](http://revistaescola.abril.com.br/historia/prática-pedagógica/mestre.trabalho.bom.senso)>. [Acessado 25 agos.].
- _____. *Jean Piaget: O biólogo que pôs a aprendizagem no microscópio*. São Paulo: Nova Escola, Julh. 2008. Edição Especial grandes pensadores. Disponível em: < [http\revistaescola.abril.com.br||historia|prática-pedagógica|mestre.trabalho.bom.senso](http://revistaescola.abril.com.br/historia/prática-pedagógica/mestre.trabalho.bom.senso)>. [Acessado 25 agos.].
- _____. *Levi Vygotsky*. Disponível em: < [http||educarparacrescer.abril.com.br|aprendizagem](http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem)> [Acessado 28 agos.].
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. Editora ática, 2004.
- KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor. In: *Aspectos cognitivos da leitura*. 7. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na Escola: O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LÍNGUA PORTUGUESA: orientações para o professor, Saeb/Prova Brasil, 4º série/ 5º ano ensino fundamental, Brasília. Inep. 2009. p.11 .
- LUDKE, Menge; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: Abordagens Educativas*, São Paulo: Epu, 1986
- MACEDO, Lino de. *Ensaio Construtivistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Noção de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo. In: *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. São Paulo: Editora brasiliense, 1998.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa*. v.2. Brasília, DF. 1997. P. 53
- MOREIRA, Marco Antônio. *Aprendizagem significativa crítica*. São Leopoldo: impressos portão Ltda,2005.

MONTEIRO, Sara Mourão; BAPTISTA, Mônica Correia. Alfabetização e Letramento. In _____. Anos iniciais do ensino fundamental. Ano XIX- nº 12 - setembro/2009. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>> [Acessado 10 jan. 2014]

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. *Ler e escrever*. Compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. Da Universidade- UFRGS, 1999, p.151-15.

OLIVEIRA, Ilda de Fátima de Lourdes; CASTELA, Greice da Silva. Estratégia de Leitura. In: *Presença Pedagógica*. V.19. n. 114. Nov/dez. 2013

PIAGET, Jean. *Lógica e Conhecimento Científico*. Porto: Livraria civilização, 1981.

Qualidade da Educação: Uma nova leitura do desempenho dos estudantes da 4º série do Ensino Fundamental. Brasília Mec/ Inep, abril 2003.

ROJO, Roxane. *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte. Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

APÊNDICE I

PESQUISA DE CAMPO

A presente pesquisa é parte fundamental para a elaboração da monografia, exigida pelo Curso de Especialização Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares – UEPB, como forma de obter o título de Especialista.

Com isso, solicitamos, dos Senhores (as) pesquisados, colaboração e fidedignidade nas respostas dadas, uma vez que, nosso parecer final será transmitido como veracidade a partir dos dados por vocês colocados.

Atenciosamente,

Prof. Antônio Augusto Pereira de Sousa
aauepb@gmail.com
Orientador

Mônica Maria Medeiros da Silva
monicamedeiros761@gmail.com
Orientanda

Questionário de Pesquisa

Questionário aplicado com professores do 5º ano do Ensino Fundamental

1. Perfil

1.1 Idade

- 25 a 30 anos 31 a 35 anos 36 a 40 anos
 41 a 45 anos Acima de 45 anos.

1.2 Gênero

- Masculino Feminino

1.3 Escolaridade

- Ensino Superior Incompleto Ensino Superior Completo

1.4 Possui algum curso de pós-graduação, em caso afirmativo, qual?

1.5 Tempo de Serviço

Há quanto tempo trabalha na área da educação?

Há quanto tempo atua com o ensino fundamental I?

2. Atuação em sala de aula

2.1 Como você trabalha a leitura em sala de aula?

2.2. De que forma poderemos criar espaços na sala de aula para a leitura?

2.3 Por que é importante criar o hábito de leitura?

2.4 Como formar um aluno-escritor competente?

2.5 Textos que são da realidade social dos alunos são trabalhados em sala de aula? De que forma?

2.6 Que tipo de estratégias você têm realizado para estimular a prática da leitura? O que fazer para que os alunos leiam?

2.7 Os alunos costumam se interessar, no momento da leitura, por quais tipos de textos?

2.8 Você costuma ler com frequência? Quais tipos de textos?

2.9 O que representa a leitura para você?
